

Brasileiros e brasileiras, preparem-se

Celson Franco

O deputado José Sarney Filho (PFL-MA) passava pelo *túnel do tempo* — um corredor que liga o plenário aos gabinetes dos senadores — quando foi abordado por um desconhecido:

“Começou a grande caminhada”, disse-lhe o estranho. “E firme”, respondeu Zequinha.

O senador José Sarney (PMDB-AP), seu pai, acabara de derrotar dois adversários dentro do PMDB, Pedro Simon (RS) e Íris Rezende (GO), obtendo a indicação para presidir o Senado nos próximos dois anos.

A grande caminhada a que se referiam o transeunte e o deputado, no *túnel do tempo*, tem um destino: o Palácio do Planalto, em 1998.

Futurologia — Ao vencer a disputa pela presidência do Senado, Sarney estava, na verdade, dando mais um passo para transformar em realidade a previsão que seu amigo e vidente Moacir Neves, falecido em 1993, fez em 1988: a de que ele voltará a ocupar a Presidência da República.

Carregando a experiência de cinco anos no Palácio do Planalto e a sabedoria acumulada em 30 anos de mandatos legislativos, o senador José Sarney afirma que não ambiciona mais a chefia do governo.

Ele diz isso aos seus melhores amigos. Ninguém acredita. “Se o Sarney falasse agora que é candidato, aí, sim, eu acreditaria que ele não pensa em voltar à presidência da Re-

pública”, argumenta um amigo de muitos anos.

Raposa — Sarney sabe o que faz. Ele mesmo disse, no seu discurso de posse, que aprendeu a ouvir, mais do que falar.

Lançar-se agora como candidato seria um gesto de infantilidade política inadmissível em um homem público com tanta experiência.

O amigo e ex-ministro da Justiça Saulo Ramos costumava dizer que de Sarney pode-se falar muita coisa, “menos que ele não sabe fazer política”.

Sabe. Muito. Sarney chamou ao seu gabinete na semana passada, para se aconselhar, o senador Roberto Freire (PE), único representante do PPS no Senado.

Freire não tem votos. Mas é dono de uma voz ouvida com atenção por todos os interlocutores.

Democrata — Ex-líder do governo Itamar Franco na Câmara dos Deputados, ele é hoje um dos maiores defensores de José Sarney no Senado.

“Sarney é um dos fiadores da democracia no Brasil”, diz

o ex-presidente do antigo Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Ele lembra que Sarney, quando presidente da República, legalizou os partidos de esquerda e acabou com grande parte do chamado entulho autoritário — conjunto de leis herdado do regime militar.

O senador Roberto Freire acredita que seu colega e amigo Sarney tem tudo para fazer uma excelente administração no Senado.

“Sarney é um dos fiadores da democracia no Brasil”

Roberto Freire

“Ele sabe fazer política como poucos”

Saulo Ramos

Wanderlei Pozzembom/ 9.02.95



Sarney: muito trabalho para transformar em realidade a previsão do vidente Moacir Neves de que voltaria ao Planalto

Senado funcionará como vitrine

O senador José Sarney e os integrantes do seu grupo político sabem que a previsão do *bruxo* Moacir Neves de que Sarney voltará ao Palácio do Planalto só poderá se realizar se o ex-presidente fizer no Senado uma administração que entre para a história.

É o que ele pretende. Seu objetivo mais imediato é recuperar o prestígio do Congresso Nacional. A missão exige algumas conquistas fundamentais, como a retomada da função legislativa, tornando mais ágil e eficiente o processo de elaboração e aprovação de leis.

Moralização — Outra meta é a moralização do Congresso. O primeiro sinal nesse sentido foi dado no caso do senador Ernandes Amorim (PDT-RO) que, suspeito de en-

volvimento com o tráfico de entorpecentes, foi eleito para a quarta secretaria.

Sarney remeteu o caso ao Supremo Tribunal Federal (STF) e mandou abrir uma investigação interna, designando como relator do caso o senador Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL).

Convencido de que sozinho não obterá sucesso, o senador José Sarney tratou de se afinar com o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), e com o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

MPs — Sarney e Luís Eduardo já conseguiram de Fernando Henrique o compromisso de que o governo só enviará medidas provisórias ao Con-

gresso em casos de extrema urgência. Os presidentes da Câmara e do Senado pretendem realizar uma profunda reforma nos processos legislativo e administrativo das duas casas.

Para isso estão montando um grupo de trabalho, composto de deputados e senadores. Um dos alvos é a Comissão de Constituição e Justiça, por onde, obrigatoriamente, passam todas as propostas.

Outro é a Comissão de Orçamento, objeto de estudos de uma equipe criada especificamente para reformulá-la. A idéia é dar à comissão uma estrutura que, no mínimo, dificulte a corrupção. Sarney e Luís Eduardo querem também extinguir a ajuda de custo que dá aos parlamentares o 14º e o 15º salários. (CF)

Casa recupera sua liturgia

Quem visita hoje a Presidência do Senado não tem como fugir à comparação com o gabinete do ex-presidente, o senador Humberto Lucena (PMDB-PB), substituído por José Sarney (PMDB-AP) no início do mês.

O ambiente — antes relaxado, com pessoas entrando e saindo desordenadamente — ganhou a pompa e a circunstância preservadas no Palácio do Planalto quando Sarney era presidente da República.

“Ele gosta de cultivar a liturgia do cargo”, observa um auxiliar. O gabinete se transformou num ambiente silencioso onde, apesar da intensa movimentação, todos parecem saber exatamente o seu lugar.

Controle — Na primeira sala fica o ex-deputado, ex-líder do governo e ex-ministro da Educação e da Saúde Carlos Santana. Discretíssimo e eficiente.

Santana é, na verdade, a porta que se abre ou se fecha para quem pretende falar com o presidente do Senado. E não são poucos. Embaixadores, senadores, deputados, ministros... A agenda vive cheia.

Na última quinta-feira, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, mandou um emissário ao gabinete. Estava há dias querendo falar com Sarney e não conseguia.

Equipe — “A hora em que ele vier, o presidente pára tudo para atendê-lo”, disse politicamente Carlos Santana. Em seguida, pragmaticamente, completou: “Mas telefone antes”.

Além de Carlos Santana, Sarney levou para a diretoria geral do Senado o ex-ministro da Justiça, Alexandre Dupeyrat.

E buscou para auxiliá-lo na presidência da Mesa, do fundo de uma longa aposentadoria, a ex-funcionária do Senado Sara Abrão, especialista em questões regimentais. (CF)